

ARAÚJO PEREIRA



# ÁLULAS



LISBOA

COMPOSTO E IMPRESSO NA IMPRENSA DE MANUEL LUCAS TÔRRES  
R. do Diário de Notícias, 98

1914

torre



ARAÚJO PEREIRA

Fernando Pessoa

Com muito cuidado

# ÁLULAS

de

Manuel Torres

COMPOSTO E IMPRESSO NA  
IMPRESA DE  
MANUEL LUCAS TÔRRES  
R. DIÁRIO DE NOTÍCIAS, 93  
LISBOA

ALULAS \* \* \*

quanto frio, quanta miséria  
passava a dentro da terra  
quanta sêde deletéria  
na roseira se encerra.

raiz como serpente  
espreitava pra dar flor,  
mas não via simplesmente  
as rosas, o seu amor.

vez doeu-se tanto  
o mal que lhe acontecia  
que da ela era pranto  
até a que amanhecia.

o caso que uns dedos  
encaram rosa linda,  
foi-se de tais mêdos  
que fre sustos ainda.

\*\* ÁLULAS \*\*\*

---

Era uma vez a raiz  
de uma roseira florida  
que se julgava infeliz,  
e por tôda a sua vida.

Essa roseira, coitada,  
era tôda soberbia,  
era uma mãe enlevada  
em cada rosa que abria.

Quando a raiz rastejava  
só por orgulho o fazia ;  
logo alegre se tornava  
a cada rosa que via.

Era por causa das rosas,  
que são perfume do mundo,  
que por vias tortuosas  
ela descia tam fundo.

\*\* ÁLULAS \*\*

---

Quanto frio, quanta miséria  
passava a dentro da terra  
quanta sêde deletéria  
pela roseira se encerra.

E a raiz como serpente  
rastejava pra dar flor,  
e vivia simplesmente  
pra as rosas, o seu amor.

Uma vez doeu-se tanto  
de um mal que lhe acontecia  
que tôda ela era pranto  
um dia que amanhecia.

Dera-se o caso que uns dedos  
lhe arrancaram rosa linda,  
e tomou-se de tais mêdos  
que sofre sustos ainda.

Era uma vez a raiz  
de uma roseira florida  
que se julgava infeliz,  
e por tôda a sua vida.

Essa roseira, coitada,  
era tôda soberbia,  
era uma mãe enlevada  
em cada rosa que abria.

Quando a raiz rastejava  
só por orgulho o fazia ;  
logo alegre se tornava  
a cada rosa que via.

Era por causa das rosas,  
que são perfume do mundo,  
que por vias tortuosas  
ela descia tam fundo.

## ESPLICAÇÃO DA MORTE

—  
Preguntas se eu sei da morte?!...  
Que sorte a minha ! que sorte !

Em duas palavras ia  
dizer-te tudo, Maria ;  
mas com tanto que fazer  
não te posso responder.

Não te importe, deixa andar,  
eu vou o caso estudar ;  
sabemos tudo se a jente  
estuda maduramente.

Ora vamos nós a ver :  
como a morte perceber  
se eu a vida só conheço  
plos amargos que padeço  
e mais pelas alegrias  
de todos os dias ?

## O GAROTO-DA-RUA

---

Cosendo-se irto à laje de uma esquina,  
chorando a roixa pele sangue impuro,  
com o torso intanguido e o aspecto duro  
tiritita tibio uma alma pequenina.

A carne de seus pés e mãos ensina  
a neve a ser nevada e o jêlo a puro,  
e é tam escuro o seu olhar, tam 'scuro  
que se percebe a morte o quere e mina.

Os seus dentes pararam de bater,  
dentes que não serviam pra morder,  
mas pra rijos mendrugos triturar.

Êle nem já se move nem 'stremece  
tomado de torpor que até parece  
muito quêdo pra o frio o não tocar.

# ESPLICAÇÃO DA MORTE



Preguntas se eu sei da morte?!...

Que sorte a minha ! que sorte !

Em duas palavras ia  
dizer-te tudo, Maria ;  
mas com tanto que fazer  
não te posso responder.

Não te importe, deixa andar,  
eu vou o caso estudar ;  
sabemos tudo se a jente  
estuda maduramente.

Ora vamos nós a ver :  
como a morte perceber  
se eu a vida só conheço  
plos amargos que padeço  
e mais pelas alegrias  
de todos os dias ?

\*\*\* ÁLULAS \*\*\*

E as alegrias e a dor  
são bastante, meu amor?

É a vida uma levada  
que nos não ensina nada,  
vai ela sempre a correr  
não dá tempo de a aprender...

Vou responder sem demora  
num momento, mesmo agora:  
tu estás com muita pressa  
e eu às ordens, ora essa...

Ninguém a morte deseja...  
—mas não sei o que ela seja...

A não ser o cangalheiro  
que com isso faz dinheiro;  
a não ser o jeneral  
que o seu bem é fazer mal,  
porque tem a profissão  
de assassinar, o poltrão;  
a não ser o proprietário  
que enriquece do operário,

\*\* ÁLULAS \*\*

e do que espera que a tia  
morra e lhe dê alegria,  
— eu não vejo mais ninguém  
que tenha na morte o bem.

É verdade que mais val'  
morrer pra sair do mal  
que certa vida levar;  
mas isto é outro falar.

Eis a sentença que um sábio  
deixa cair do seu lábio :

— Só à morte anda sujeito  
o ser dos sêrs mais perfeito ;

mas saber é esprementar  
e não por ouvir falar.

Se melhor não respondi  
é que ainda não morri ;  
mas ao depois  
é certo, pois.

\*\* ÁLULAS \*\*

---

Sossega, meu bem, descansa,  
não percas nunca a esperança  
de reposta razoável ;  
pois só pra te ser amável  
eu ei-de morrer um dia,  
                  Maria.



## VAIDADE

---

A doida da vaidade é como a pulga  
vive no cós da nossa roupa branca  
e nada a faz conter, nem a atravanca  
e nada quer' julgar e nada julga.

Quieta a consciência não promulga  
plos jornais e vezinhas, forte e franca  
as razões por que não nos larga a anca,  
e a morde e suga, cala e não divulga.

Já me não morde o insecto e se me morde  
não dou por tal nem quero o espirito acorde  
em com as minhas unhas pô-la exangue...

E a vaidade, que está sob nosso fato  
e sôbre a nossa pele, é seu retrato:  
— a jente não a sente mas faz sangue.

## SONHAROLANDO

---

O' minha costureirinha  
? quem te pôs a costurar ?  
Caminhas léguas co a linha  
sem a fortuna encontrar.

Que de vezes tua agulha  
teus dedinhos tem picado !  
E quantas vezes mergulha  
no teu corpo delicado.

Teu dedal — o teu amigo !...  
(quem me dera ser dedal  
pra ser ao menos abrigo  
de um teu dedo liral)

\*\* ÁLULAS \*\*

---

o patrono dos teus dedos  
é quem te conhece mais  
porque tem os teus segredos  
todos de cor e os teus ais.

Quando tu quebras a linha  
e te pões a salivá-la,  
eu sonho que tu és minha  
e o sonhar se desenrola.

E cessa já de coser,  
de estar sempre dobradinha  
eu não mais te quero ver  
a finjir de corcundinha.

Como tu trabalhas tanto  
pra que andem outras vestidas  
trabalhas sonharolando  
e tantas oras seguidas.

## INFELIZES

---

Agarraram o Férrer, e as crianças  
perderam o maior amor concreto  
que o mundo produziu de mais selecto  
do que avia tam forte de esperanças !

Emquanto à morte diz palavras mansas  
e cheias de consôlo e altivo affecto,  
raro lhe foi o coração correcto,  
ninguem quebrou por êle as suas lanças.

Manhã quando os pequenos — infelizes —  
ficam sem pai ! Ó ódios récrudesçam  
embora a vida a rasguem os juizes !

Carreguemo-los de ódios e ódios cresçam!  
— arrancam as roseiras plas raizes  
pra que os botões de rosa não floresçam !

## PÃO



Cava, cava, cavador,  
tu tens de coveiro o nome,  
—é o teu nome coveiro,  
pois cavas a tua fome.

Cada alevanto da enxada  
é uma enxadada nova,  
cavador não cesses, cava,  
e cavas a tua cova.

Cava, cava, cavador,  
arranca o pão com destreza,  
e o rico em paga te dá  
o pão da tua pobreza.

•• ÁLULAS •••

---

Cava sempre todo o dia  
poupa a vida ao teu senhor  
que em troca te dá a fome,  
j gentil sinal de penhor.

Êle tem a tua vida  
nas rédeas do seu guiar ;  
mas à razão não atendas,  
cavador, põe-te a cavar.

Luz a tua enxada, luz  
qual lâmina de luar,  
e ela tanto mais reluz  
quanto mais se trabalhar.

Cava a terra e torna o trigo,  
— umas sementes, em searas ;  
mas sê tu mais teu amigo  
e de outras vidas tam caras.

\*\* ÁLULAS \*\*

---

Não é pra ti que trabalhas,  
trabalhas pra a tua minguá,  
e pensa te vão roubando,  
faz vibrar a tua língua !

E cava o peito da terra,  
que tem largo coração  
(dá-te por cada semente  
trinta sementes de pão);

mas não dês nada a quem tem  
mais que tu e de ti ri ;  
cava, cava, cavador  
— mas cava só para ti.

---

## CIUME

---

Nivasas pombas, vôo brando e fino —  
recortam mansamente o céu de julho  
sem murmúrio de asa, mimo, arrulho  
que perturbe o silêncio matutino.

E até se julga as move o claro tino  
de uma idea que voa sem marulho  
de insípida vaidade ou vão orgulho  
que leva os homens a falaz destino.

À sossêgo se o remorso nos deixa  
quieta a consciência e o lábio mudo  
quando o voar das penas se desfecha.

Eu com o amor das pombas não me iludo  
olho-as se voam mas o ciume e a queixa  
não lhos envejo eu apesar de tudo.

## SOLDADOS

---

Era uma vez um rapaz  
—sustento de sua mãe—  
que foi chamado a soldado  
pra ser soldado de alguém.

A pobre mãe, sem o filho,  
que de gôsto a sustentava,  
meteu-se numa oficina,  
num labor que a fatigava.

Como o dono dessa casa  
quisesse a pobre explorar,  
pôs-se logo tudo em greve,  
numa fúria de vingar

De mêdo treme o burguês,  
que apressado a casa guarda  
co' o espavento de soldados  
envaidecidos da farda.

O soldado, coitadito,  
viu na turba a sua mãe,  
talvez a mais esaltada  
que a forte greve contêm.

«Ó jentes — diz ela — àvante,  
temos lá um bom soldado,  
meu ventre o jorrou, amante,  
é meu filho, o meu amado»,

Era uma vez um rapaz  
— sustento de sua mãe —  
que foi chamado a soldado  
pra ser soldado de alguém.

A turba-multa caminha  
com as armas da calçada,  
que fica sem uma pedra  
com aquela caminhada.

A voz de um clarim avisa  
às grevistas a descarga  
o soldadito desfecha...  
e logo a alma se lhe amarga:

na sua frente, a alguns passos,  
percebe êle a mãe que espasma,  
e ao vê-la cair por terra  
seus olhos o espanto rasga.

E sem pensar, o infeliz,  
ou já pensando melhor,  
clama irado e fala e diz:  
«tenham todos bem de cor:—

\*\* ÁLULAS \*\*\*

---

«O soldado é um mau homem  
que obedece à disciplina  
que o manda matar e mata  
e a própria mãe assassina».

Êste filho que era bom,  
cintilante água corrente —  
nunca mais teve a razão,  
salvo a de ser demente.

Era uma vez um rapaz  
— sustento de sua mãe —  
que foi chamado a soldado  
pra ser soldado de alguém.

---

## VENCER

---

Só uma vez a morte vence a vida  
e muita vez é escrava e não senhora,  
só uma vez a vida é bem vencida  
depois de tanta vez ser vencedora.

A vida mata a morte a cada instante,  
cada instante de vida é qual combate  
onde a vida vencedora em rebate  
se gloria na vida palpitante ;

Só feia morte a dá a cobardia,  
que é bem cobarde quem não quer' lutar,  
quem fecha os olhos pra não ver o dia ;

vive mais quem a luta crer e a amar  
do que vive o que deixa essa alegria  
de olhar a luz para melhor olhar.

\*\* ÁLULAS \*\*\*

«O soldado é um mau homem  
que obedece à disciplina  
que o manda matar e mata  
e a própria mãe assassina».

Êste filho que era bom,  
cintilante água corrente —  
nunca mais teve a razão,  
salvo a de ser demente.

Era uma vez um rapaz  
— sustento de sua mãe —  
que foi chamado a soldado  
pra ser soldado de alguém.

\*\* ÁLULAS \*\*\*

Pobre cèguinha  
escura alminha  
onde se aninha  
o amargurar,  
se os olhos visses  
se tu lhe sentisses  
tuas denguices  
iluminar !...

E os ternos seios  
cheios de anseios  
doces gorjeios  
de rouxinol,  
se os entrevisses  
se lhos pedisses  
vias meiguices  
vias o sol,

\*\* ÁLULAS \*\*

---

Ver-lhe os cabelos  
que é jente ve-los,  
e pesadelos  
logo sentir ;  
cheios de ninhos  
em desalinhos  
e de carinhos  
a confluir !

Não ver-lhe a bôca  
como se atouca  
de carmim, louca  
sempre a falar  
de fala mansa !  
Ai ! não alcança  
morreu a esperança  
no seu olhar !

\* \* ÁLULAS \* \* \*

---

Pobre cèguinha  
escura alminha  
onde se aninha  
o amargurar,  
se os olhos visses  
tu lhe sentisses  
suas denguices  
a iluminar !...

E os ternos seios  
cheios de anseios  
doces gorjeios  
de rouxinol,  
se os entrevisses  
se lhos pedisses  
vias meiguices  
vias o sol,

\* \* ÂLULAS \* \* \*

---

o obra prima  
que me ilumina,  
e me refina  
a reviver !  
triste cèguinha  
que se definha,  
tôda tristinha  
em não a ver !



## MORTA

---

Vi em mim a saudade que rasgava  
a floresta confusa da distância  
a correr plo arripio de flébil ânsia  
que cuase a minha vida estrangulava.

Electriza-a a idea onde sonhava  
sonho gentil de salutar fragrância,  
alcance-a quem puder (eu não) alcance-a,  
não basta eu querer, não a alcançava.

Decai a prumo o sol pelo zenite,  
e é calma a luz e límpida a bonança  
e eu tam distante assim, vê, pude e vi-te :

estavas sôbre a cova, fria e mansa,  
e senti-te eu de cá tam lonje e senti-te  
a chorar muito, ao pé da morta esperança.

## VIÚVA-VIRJEM

---

A sombra pelo silêncio a noite abraça  
e o vento coscuvilha plo arvoredado  
e a lua cala a terra em frio mêdo,  
negros os olhos, lívida a caraça.

Parece que um poder altivo a passa  
por sôbre o sono e os sonhos e em segrêdo;  
desejos saltam que amanheça cedo  
e que o sol, numa aurora, espreite e nasça.

É que a lua de triste dá lembrança  
— noiva alegre que ennoiva e se desnoiva  
a cismar que o contento pula e cansa.

Ó viuva-virjem, inda em côr de noiva,  
tu, no céu, ó cadáver da alegria,  
a treva iludes simulando o dia.

## COMIGO



Amar-te e não te ter,  
ter o gosto de luto  
vivendo doce o fruto  
de tanto apetecer !...

Sentir-te junta ao peito  
num sonho celeste, alto,  
e despertar de um salto  
e não te ver no leito !...

Trazer na bôca beijos  
quentes, incendiados,  
dessa bôca jelados  
por lhes faltar ensejos...

## VIÚVA-VIRJEM

---

A sombra pelo silêncio a noite abra  
e o vento coscuvilha plo arvoredos  
e a lua cala a terra em frio mêdo,  
negros os olhos, lívida a caraça.

Parece que um poder altivo a pa  
por sôbre o sono e os sonhos e em  
desejos saltam que amanheça ce  
e que o sol, numa aurora, espreit

É que a lua de triste dá lembr  
— noiva alegre que ennoiva e s  
a cismar que o contento pula

Ó viuva-virjem, inda em côm  
tu, no céu, ó cadáver da ale  
a treva iludes simulando o

## DESPEDIDA

---

*A lua em  
do  
e vivo no teu olhar;  
só meu desejo, claro,  
viver se me ausentar.*

A tua imajem que vês  
nos olhos, no meu olhar  
subiu-me de alma talvez  
para tam só te espreitar.

*Se eu calhar  
almas e não a  
pelas mãos  
querentes da  
Sêca e mudo  
envolve a  
qual a tua  
e parece falar  
olhai, vaidade e  
que se depura a*

ninha grande dor  
que quando me vou  
uma imajem, amor,  
teus olhos ficou.

Ouve : ausentas-te e não vai  
a imajem contigo, não ;  
se te vais, ela me cai  
dos olhos ao coração.

## MORTE

---

A lua envôlta em névoa baça e fria  
faz tiritar de frio as próprias strêlas  
abituadas ao ar — que faz dó ve-las  
tremelicando a mêdos de agonia.

Seu cadáver pelos ares arrepia  
almas e não á modos de aquecê-las  
pelas noites afora e ainda pelas  
quenturas da manhã que já se via.

Sêca e rolada ao espaço, — à alva péla  
envolve-a a luz do sol que lhe quer' bem  
cual a uma filha morta a sua mãe,

e parece falar assim : — Cautela,  
olhai, vaidade, e vêde a firme sorte  
que se depara a tôda a jente : — a morte.

## DESPEDIDA

---

Vendo os teus olhos reparo  
que vivo no teu olhar;  
e é só meu desejo, claro,  
lá viver se me ausentar.

A tua imagem que vês  
nos olhos, no meu olhar  
subiu-me de alma talvez  
para tam só te espreitar.

É a minha grande dor  
saber que cuando me vou  
nenhuma imagem, amor,  
pelos teus olhos ficou.

Ouve : ausentas-te e não vai  
a imagem contigo, não ;  
se te vais, ela me cai  
dos olhos ao coração.

## MORTE

---

A lua envôlta em névoa baça e fria  
faz tiritar de frio as próprias strêlas  
abituadas ao ar — que faz dó ve-las  
tremelicando a mêdos de agonia.

Seu cadáver pelos ares arrepiã  
almas e não á modos de aquecê-las  
pelas noites afora e ainda pelas  
quenturas da manhã que já se via.

Sêca e rolada ao espaço, — à alva péla  
envolve-a a luz do sol que lhe quer' bem  
cual a uma filha morta a sua mãe,

e parece falar assim : — Cautela,  
olhai, vaidade, e vêde a firme sorte  
que se depara a tôda a jente : — a morte.

## \*\* ÂLULAS \*\*\*

---

Casar co um vêlho é destino  
que não envejo à que cai ;  
porque pode ter menino  
que não chame pai ao pai :

Se acaso me ders um beijo,  
que terreno e que semente !  
tu, então, terás o ensejo  
de uma colheita fremente.

Á duas sortes de neve :  
a neve que se evapora,  
a neve que sempre dura  
até se o tempo melhora.

Co o namôro persistente  
derreti-te a que se evola,  
mas a outra, a resistente  
nenhum amor a descola.

\*\*\* ÁLULAS \*\*\*

---

A rosa faz-me lembrar  
(talvez por causa do jeito)  
um coraçãozinho ao ar  
deixado por algum peito.

Uma viúva chorava  
devagarinho, em segrêdo:  
o marido lamentava  
por não ter ido mais cêdo.

Cuantas vezes me perdi  
por te não saber achar;  
mas cego se encontro a ti  
logo me perco a apalpar.

Bandos de sonhos que ao dia  
logo à alba debandaram  
criou-os à noite a alegria  
e pla noite se aninharam.

\*\* ÁLULAS \*\*\*

---

Casar co um vélho é destino  
que não envejo à que cai ;  
porque pode ter menino  
que não chame pai ao pai :

Se acaso me ders um beijo,  
que terreno é que semente !  
tu, então, terás o ensejo  
de uma colheita fremente.

Á duas sortes de neve :  
a neve que se evapora,  
a neve que sempre dura  
até se o tempo melhora.

Co o namôro persistente  
derreti-te a que se evola,  
mas a outra, a resistente  
nenhum amor a descola.

A rosa faz-me lembrar  
(talvez por causa do jeito)  
um coraçãozinho ao ar  
deixado por algum peito.

Uma viúva chorava  
devagarinho, em segredo:  
o marido lamentava  
por não ter ido mais cêdo.

Cuantas vezes me perdi  
por te não saber achar;  
mas cego se encontro a ti  
logo me perco a apalpar.

Bandos de sonhos que ao dia  
logo à alba debandaram  
criou-os à noite a alegria  
e pla noite se aninharam.

## LADRÕES

Conheci um rapaz que em certo dia  
depois de muitos dias sem ganhar,  
se fez ladrão sem qu'rer, sem estudar,  
sòmente porque a fome lho esijia.

Cavava a terra tanto que podia  
cavá-la menos, — pôr-se a descansar,  
se porventura o dono, ao lhe pagar,  
lhe pagasse o dinheiro que devia.

Os donos tais rodeios, mexericos  
praticam nos salários aos vilões,  
que os vilões sofrem sempre mais atritos.

E disto saltam forte as conclusões:  
nem todos os ladrões são homens ricos;  
— mas todos homens ricos são ladrões.

\* \* ÁLULAS \* \* \*

---

Finje que a chuva:  
que a luz enviuva  
te convida  
por minha vida  
a alevantares  
pla rua, plos ares  
as tuas saias  
e a de cambraias ;

pois cuando aos ais  
pla rua vais  
o teu andar  
a acalentar  
com o arregaço,  
eu sonho e faço  
não te ver  
pra te não qu'rer  
envergonhar

---

## LADRÕES

---

Conheci um rapaz que em certo dia  
depois de muitos dias sem ganhar,  
se fez ladrão sem qu'rer, sem estudar,  
sòmente porque a fome lho esijia.

Cavava a terra tanto que podia  
cavá-la menos, — pôr-se a descansar,  
se porventura o dono, ao lhe pagar,  
lhe pagasse o dinheiro que devia.

Os donos tais rodeios, mexericos  
praticam nos salários aos vilões,  
que os vilões sofrem sempre mais atritos.

E disto saltam forte as conclusões :  
nem todos os ladrões são homens ricos ;  
— mas todos homens ricos são ladrões.

\*\*\* ÁLULAS \*\*\*

Finje que a chuva:  
que a luz enviuva  
te convida  
por minha vida  
a alevantares  
pla rua, plos ares  
as tuas saias  
e a de cambraias ;

pois cuando aos ais  
pla rua vais  
o teu andar  
a acalentar  
com o arregaço,  
eu sonho e faço  
não te ver  
pra te não qu'rer  
envergonhar

---

\*\*\* ÁLULAS \*\*\*

Que põe luzirs,  
que põe clarões  
nestes sentires  
dos corações !

Feito de esprança  
e côm de rosa,  
linda criança  
que se aformosa,

co os nossos beijos,  
nossos cuidados,  
castos bafejos  
por nós bem dados !

E a tam má guerra  
que a jente faz  
êle a enterra  
co a voz da paz !

\*\* ÁLULAS \*\*

---

Feito de rosas  
e de perfume,  
faces mimosas,  
quentes de lume.

E sempre ao lèu,  
e de saúde,  
feito de céu,  
no berço ilude

como pintura  
de grande artista  
que põe doçura  
em nossa vista,

que faz verdade  
porque copia  
da saudade  
a poesia !

\*\* ÁLULAS \*\*

---

Que põe luzirs,  
que põe clarões  
nestes sentires  
dos corações !

Feito de esperança  
e côr de rosa,  
linda criança  
que se aformosa,

co os nossos beijos,  
nossos cuidados,  
castos bafejos  
por nós bem dados !

E a tam má guerra  
que a jente faz  
êle a enterra  
co a voz da paz !

\*\* ÁLULAS \*\*\*

Feito de rosas  
e de perfume,  
faces mimosas,  
quentes de lume.

E sempre ao léu,  
e de saúde,  
feito de céu,  
no berço ilude

como pintura  
de grande artista  
que põe doçura  
em nossa vista,

que faz verdade  
porque copia  
da saudade  
a poesia !

LAS \*\*\*

São os teus gritos  
uns sons de cor  
uns doces mitos  
de amor melhor !

Dores de parto  
dores de mãe  
dores de farto  
viver tam bem !

\* \* ÁLULAS \* \* \*

---

Fazer que a morte  
seja querida  
tal uma sorte  
bôa da vida !

E seja leve  
a vida tanto  
que muito em breve  
nos causa espanto.

Branco de lírio  
terno cual aste  
que do delírio  
tu desataste ;

pois os teus ais  
dêsse florir  
ternos são mais  
do que o sorrir.

\*\* ÁLULAS \*\*

---

São os teus gritos  
uns sons de cor  
uns doces mitos  
de amor melhor!

Dores de parto  
dores de mãe  
dores de farto  
viver tam bem!

\*\*\* ÁLULAS \*\*\*

Fazer que a morte  
seja querida  
tal uma sorte  
bôa da vida!

E seja leve  
a vida tanto  
que muito em breve  
nos causa espanto.

Branco de lírio  
terno cual aste  
que do delírio  
tu desataste;

pois os teus ais  
dêsse florir  
ternos são mais  
do que o sorrir.

\*\*\*

Quero sentir-te forte e corajosa  
nos de vez quanto ao amor se entrosa,  
tante a amar, sempre de amor bem firme  
da bôca os beijos pois sentir-me;  
encontro ao meu o teu arfante peito  
o coração de inquieto e contrafeito.  
Quero dera oh! quem dera a vida assim viver  
no ao teu peito e lá adormecer,  
este amor tam puro como o puro  
o teu corpo onde a vista seguro,  
em se segura em limpida esperança  
sempre correr e que nunca nos cansa.

Quero vida infeliz, oh! minha amada ponde  
em teu meigo olhar que tanta graça esconde.  
Quero o meu amor a diabólica arte  
de não ter trazendo a ti por tôda a parte,  
de não ser tu mesma ausente o ser se persuade  
quanto a si te traz — a ilusão da saudade.  
Quero a vida infeliz, ó minha amada ponde  
em teu tam meigo olhar que tanta graça esconde.

\*\* ÁLULAS \*\*\*

Suspiro plo sarau onde trocámos tantos  
pensamentos de amor tam repletos de encantos.  
Suspiro plo Teatro adonde não sabias  
sair, e pelo modo em que tu mo pedias !  
suspiro de saudade e daquela era amiga  
que inda foi noutro dia e já parece antiga.

Agora trago a minha alma escura, apagada...  
— a tristeza da flor por se ver desfolhada,  
a tristeza do céu, ausente o claro dia,  
céu feito de carvão, sem luz que lhe sorria...

Cuando recordo a amar o nosso amor e lembro  
a nossa primavera em noite de dezembro...

Nesta vida infeliz, oh minha amada ponde  
êsse teu lindo olhar que tanta graça esconde.  
Além do teu viver e do bordado riso  
neste mundo não á um melhor paraíso ;  
o céu—teu negro olhar mais negro do que o corvo  
rebrilhando qual estrêla, é onde a vida sorvo.

\*\*\* ÁLULAS \*\*\*

Quem me dera sentir-te forte e corajosa  
pra rasgarmos de vez quanto ao amor se entrosa,  
ver-te constante a amar, sempre de amor bem firme  
e a tua linda bôca os beijos pois sentir-me ;  
sentir de encontro ao meu o teu arfante peito  
mudando o coração de inquieto e contrafeito.  
Quem me dera oh ! quem dera a vida assim viver  
encostado ao teu peito e lá adormecer,  
e cheio dêste amor tam puro como o puro  
regaço do teu corpo onde a vista seguro,  
como quem se segura em límpida esperança  
que faz sempre correr e que nunca nos cansa.

Nesta vida infeliz, oh ! minha amada ponde  
êsse tam meigo olhar que tanta graça esconde.  
E vê no meu amor a diabólica arte  
de te não ter trazendo a ti por tôda a parte,  
quando tu mesma ausente o ser se persuade  
que junto a si te traz — a ilusão da saudade.  
Nesta vida infeliz, ó minha amada ponde  
êsse tam meigo olhar que tanta graça esconde.

\*\* ÁLULAS \*\*\*

Suspiro plo sarau onde trocámos tantos  
pensamentos de amor tam repletos de encantos.  
Suspiro plo Teatro adonde não sabias  
sair, e pelo modo em que tu mo pedias !  
suspiro de saudade e daquela era amiga  
que inda foi noutro dia e já parece antiga.

Agora trago a minha alma escura, apagada...  
— a tristeza da flor por se ver desfolhada,  
a tristeza do céu, ausente o claro dia,  
céu feito de carvão, sem luz que lhe sorria...

Cuando recordo a amar o nosso amor e lembro  
a nossa primavera em noite de dezembro...

Nesta vida infeliz, oh minha amada ponde  
êsse teu lindo olhar que tanta graça esconde.  
Além do teu viver e do bordado riso  
neste mundo não á um melhor paraíso ;  
o céu—teu negro olhar mais negro do que o corvo  
rebrilhando qual estrêla, é onde a vida sorvo.

\*\* ÁLULAS \*\*\*

o teu amor tam doce, amor feito de sonho  
onde me foje a morte em-quanto a vida ponho.

O nosso querido amor, amor fecundo e raro,  
pra que se não macule eu das leis o separo,  
não quero que uma lei assim o desvirtue,  
não tornarei a ser o que eu outrora fui.

.....

Cuando recordo a amar o nosso amor e lembro  
a nossa primavera em noite de dezembro...  
Relembra o nosso amor nesse tempo feliz  
que ao triste coração a lembrança rediz...  
Suspiro de saudade e daquela era amiga  
que inda foi noutro dia e já parece antiga,  
saudade que me dói e em martírios abunda  
a minha triste alma em prazer moribunda...  
Nesta vida infeliz ó minha amada ponde  
êsse teu lindo olhar que tanta graça esconde,

\* \* ÁLULAS \* \* \*

Cuando nos olhos teus onde o prazer me vê  
eu encontro uma dor sem que saiba porquê,  
e me parece fico um como moribundo,  
a quem um grande mal agora o dissuade  
de quanto ao seu viver o liga uma saudade

Se tu me tens amor, se tu a mim me queres,  
e se os amores são da côr dos malmequeres,  
da côr da virjindade e do matiz dos lírios,  
? devemos macular pra não fazer martírios,  
(se mácula é amor) o amor do nosso peito?

por que não fojes tu dêsse algoz preconceito  
de não ser minha amante emquanto não consorte,  
se mais val' não casar que ser virjem da morte?  
Qual é bênção melhor pra se formar um ninho  
do que a bênção que quer' legar-te o meu carinho?  
Qual é melhor *tê-déum* de melhores solfejos  
que a música de amor que cantam os meus beijos?  
Lindas mãos de marfim, ó delicados lírios,  
os elos desmanchai, e que êstes males tire-os

\*\* ÁLULAS \*\*

o teu amor tam doce, amor feito de sonho  
onde me foje a morte em-quanto a vida ponho.

O nosso querido amor, amor fecundo e raro,  
pra que se não macule eu das leis o separo,  
não quero que uma lei assim o desvirtue,  
não tornarei a ser o que eu outrora fui.

.....

Quando recordo a amar o nosso amor e lembro  
a nossa primavera em noite de dezembro...  
Relembra o nosso amor nesse tempo feliz  
que ao triste coração a lembrança rediz...  
Suspiro de saudade e daquela era amiga  
que inda foi noutro dia e já parece antiga,  
saudade que me dói e em martírios abunda  
a minha triste alma em prazer moribunda...  
Nesta vida infeliz ó minha amada ponde  
êsse teu lindo olhar que tanta graça esconde,

\*\* ÁLULAS \*\*\*

Cuando nos olhos teus onde o prazer me vê  
eu encontro uma dor sem que saiba porquê,  
eu julgo que me falta em volta todo o mundo,  
e me parece fico um como moribundo  
a quem um grande mal agora o dissuade  
de quanto ao seu viver o liga uma saudade

Se tu me tens amor, se tu a mim me queres,  
e se os amores são da côr dos malmequeres,  
da côr da virjindade e do matiz dos lírios,  
? devemos macular pra não fazer martirios,  
(se mácula é amor) o amor do nosso peito?

por que não fojes tu dêsse algoz preconceito  
de não ser minha amante emquanto não consorte,  
se mais val' não casar que ser virjem da morte?  
Qual é bênção melhor pra se formar um ninho  
do que a bênção que quer' legar-te o meu carinho?  
Qual é melhor *té-dêum* de melhores solfejos  
que a música de amor que cantam os meus beijos  
Lindas mãos de marfim, ó delicados lírios,  
os elos desmanchai, e que êstes males tire-os

onito e para amar tam puro  
ar onde a vida torturo.  
espuma e oiro de café,  
crente e pra tirar-lhe a fé,  
de cristo assim chamada  
num bom e acaba em Torquemada.

ado é ventura sublime  
s se aperta e de beijos se imprime.

os a quem a nós não tem amor,  
o contrário assim se diz, se fôr,  
s pra quem não seja amado, mágoa  
s olhos rouba em ardente água;  
a lenitivo e até parece crime  
praticou, mas que o remorso oprime,  
sombra assim que nunca e nunca  
orturar a alma em garra adunca;  
a tortura eu choro, por ela cismo  
rdida ave e caindo no abismo.

\* \* ÁLULAS \* \* \*

---

Como secar-se a fonte em teu olhar ameno,  
pra que ser virtuosa em coisa que condeno?  
Vives do meu amor ou averá alguém  
de que mais viverás, inda que pai ou mãe?  
O parir-te não deu senão aos pais prazer  
e êles dão-te por troca o medonho sofrer.  
Como de ingratidão êles te enchem a vida  
em-quanto tu lhe deste a liga à alma unida!

Um pai só tem razão como o tem um hereje  
em-quanto a filha sem espôso assim proteje  
mas se um espôso vem e de amor abre os braços  
pra que servem dos pais os proletários laços?  
Nesta vida infeliz, ó minha amada ponde  
êsse teu lindo olhar que tanta graça esconde.  
Eu vivo da saudade, eu vivo da esperança,  
passado que me quer', futuro que se alcança.

Se o teu olhar vier encher o meu olhar  
com o sal do meu pranto e o gôsto igual ao mar  
é sinal de que amor não mora nesse peito  
e que êste amor não quer' não quer' por ser estreito.

\* \* ÁLULAS \* \* \*

---

Um peito tam bonito e para amar tam puro  
só a dor sabe dar onde a vida torturo.  
Um seio côr da espuma e oiro de café,  
seio que faz um crente e pra tirar-lhe a fé,  
como a relijião de cristo assim chamada  
que principiou num bom e acaba em Torquemada.

Amar e ser amado é ventura sublime  
que de abraços se aperta e de beijos se imprime.

Mas se amamos a quem a nós não tem amor,  
e tambem se o contrário assim se diz, se fôr,  
que martírios pra quem não seja amado, mágoa  
que a luz dos olhos rouba em ardente água;  
que dor sem lenitivo e até parece crime  
que se não praticou, mas que o remorso oprime,  
até parece sombra assim que nunca e nunca  
deixa de torturar a alma em garra adunca;  
e por esta tortura eu choro, por ela cismo  
como perdida ave e caindo no abismo.

\* \* ÁLULAS \* \* \*

Como secar-se a fonte em teu olhar ameno,  
pra que ser virtuosa em coisa que condeno?  
Vives do meu amor ou averá alguém  
de que mais viverás, inda que pai ou mãe?  
O parir-te não deu senão aos pais prazer  
e êles dão-te por troca o medonho sofrer.  
Como de ingratidão êles te enchem a vida  
em-quanto tu lhe deste a liga à alma unida!

Um pai só tem razão como o tem um hereje  
em-quanto a filha sem espôso assim proteje  
mas se um espôso vem e de amor abre os braços  
pra que servem dos pais os proletários laços?  
Nesta vida infeliz, ó minha amada ponde  
êsse teu lindo olhar que tanta graça esconde.  
Eu vivo da saudade, eu vivo da esperança,  
passado que me quer', futuro que se alcança.

Se o teu olhar vier encher o meu olhar  
com o sal do meu pranto e o gôsto igual ao mar  
é sinal de que amor não mora nesse peito  
e que êste amor não quer' não quer' por ser estreito

\* \* ÁLULAS \* \* \*

Meu pobre coração com o teu enganou-se,  
julgou-te vera amante cheia de amor doce ;  
agora sou qual pobre a viver em casebre  
onde tudo lhe falta e lhe sobeja a febre  
que a loucura depõe na pálida cabeça  
a que orrorosa fome esfacele e entonteça.

Nem uma aparição sequer se me depara,  
e pois já não espero a figura tam cara  
da minha amante estrêla e minha e tôda minha  
que da paixão que rei me fez não é rainha.  
Oh! á que dias passo eu pla rua e não vejo  
quem na bôca me fez a criação ardente  
da verdade dizer por ela eternamente.  
Vivo agora na rua infeliz da amargura  
onde a estrêla me diz, donde a sina me augura  
—nunca mais sairei, nunca mais, nunca mais  
tê que os lírios virão nutrir-se de meus ais,  
é que os ciprestes vão criar suas raizes  
nas fibras do meu peito, em minhas cicatrizes.

\* \* ÁLULAS \* \* \*

---

Já sinto do passado uma idea mui vaga  
desque o brilho do olhar me não esplende e afaga.  
Nada ao meu coração se faz que triste agrade  
de que uma esperança morta e uma viva saudade.

Neste caminho os pés ei chagados e nus  
de correr-te ao olhar, de me aquecer á luz  
que irradia de ti e que tanto me ilude  
tal qual ao moribundo a visita em saúde.  
Lonje dos olhos teus eu me sinto doente  
por duvidar do teu amor eternamente  
Para que o meu prazer no teu olhar esconder-mo  
se me tiras a vida e me tornas enfêrmo?  
Nesta vida infeliz ó minha amada ponde  
êsse teu lindo olhar que tanta graça esconde,  
êsse teu lindo colo a pedir um colar  
feito de beijos meus cemo as ondas do mar!

As brasas de oiro lindo a palpitar no céu  
que se veste em luar com o pálido véu,  
acenderam a luz em luz de teu olhar.  
que ilumina o teu rosto a ponto de encantar!

\* \* ÁLULAS \* \* \*

Meu pobre coração com o teu enganou-se,  
julgou-te vera amante cheia de amor doce ;  
agora sou qual pobre a viver em casebre  
onde tudo lhe falta e lhe sobeja a febre  
que a loucura depõe na pálida cabeça  
a que orrorosa fome esfacele e entonteça.

Nem uma aparição sequer se me depara,  
e pois já não espero a figura tam cara  
da minha amante estrêla e minha e tôda minha  
que da paixão que rei me fez não é rainha.  
Oh! á que dias passo eu pla rua e não vejo  
quem na bôca me fez a criação ardente  
da verdade dizer por ela eternamente.  
Vivo agora na rua infeliz da amargura  
onde a estrêla me diz, donde a sina me augura  
—nunca mais sairei, nunca mais, nunca mais  
té que os lírios virão nutrir-se de meus ais,  
té que os ciprestes vão criar suas raizes  
nas fibras do meu peito, em minhas cicatrizes.

\* \* ÁLULAS \* \* \*

Já sinto do passado uma idea mui vaga  
desque o brilho do olhar me não esplende e afaga.  
Nada ao meu coração se faz que triste agrade  
de que uma esplança morta e uma viva saudade.

Neste caminho os pés ei chagados e nus  
de correr-te ao olhar, de me aquecer á luz  
que irradia de ti e que tanto me ilude  
tal qual ao moribundo a visita em saúde.  
Lonje dos olhos teus eu me sinto doente  
por duvidar do teu amor eternamente  
Para que o meu prazer no teu olhar esconder-mo  
se me tiras a vida e me tornas enfêrmo?  
Nesta vida infeliz ó minha amada ponde  
êsse teu lindo olhar que tanta graça esconde,  
êsse teu lindo colo a pedir um colar  
feito de beijos meus cemo as ondas do mar!

As brasas de oiro lindo a palpitar no céu  
que se veste em luar com o pálido véu,  
acenderam a luz em luz de teu olhar.  
que ilumina o teu rosto a ponto de encantar!

\* ÁLULAS \* \* \*

que canta cual ave assim o rouxinol  
que se aflije se vê ir-se o lume do sol.  
Ó senhora do peito, ó senhora em quem grita  
a minha alma de dor, esta minh'alma aflita,  
nesta vida infeliz, ó minha estrêla, ponde  
nessa tam linda luz que tanta graça esconde.

\*\* ÁLULAS \*\*\*

---

O que ela só requer é só o que compreende  
e assim julga que o amor ela não mais ofende  
em não juntar seu peito ao peito que delira  
feito de amor sincero e feito de uma ira  
—amor só para ela e ira p'ra maldade  
que me tortura a alma e nunca a dissuade.  
Minha querida amada, ó meu amor de um dia,  
ó alma bemfazeja, ó lábio que sorria,  
ó peito de meu peito, ó coração tam frio,  
ó rio de meu chôro e de meus ais, ó rio  
que nem murmuras sons aos sons dos meus martírios.  
Ó minhas mãos de cal, ó dedos, finos lírios.  
nesta vida infeliz, ó minha estrêla, ponde  
essa tam linda luz que tanta graça esconde.

Ó anjo sê mulher, ó virjem sê espôsa,  
não queiras ser a cruz da minha triste lousa,  
não me queiras cavar a minha fria cova  
ao corpo que te quer', á alma que está nova.  
—Não queiras ver a entrar nessa lúgubre porta  
minh'alma que em ti vive e por ti anda morta,

\*\* ÁLULAS \*\*

---

e que canta cual ave assim o rouxinol  
que se aflije se vê ir-se o lume do sol.  
Ó senhora do peito, ó senhora em quem grita  
a minha alma de dor, esta minh'alma aflita,  
nesta vida infeliz, ó minha estrêla, ponde  
essa tam linda luz que tanta graça esconde.

\*\* ÁLULAS \*\*\*

O que ela só requer é só o que compreende  
e assim julga que o amor ela não mais ofende  
em não juntar seu peito ao peito que delira  
feito de amor sincero e feito de uma ira  
—amor só para ela e ira p'rá maldade  
que me tortura a alma e nunca a dissuade.  
Minha querida amada, ó meu amor de um dia,  
ó alma bemfazeja, ó lábio que sorria,  
ó peito de meu peito, ó coração tam frio,  
ó rio de meu chôro e de meus ais, ó rio  
que nem murmuras sons aos sons dos meus martirios.  
Ó minhas mãos de cal, ó dedos, finos lírios.  
nesta vida infeliz, ó minha estrêla, ponde  
essa tam linda luz que tanta graça esconde.

Ó anjo sê mulher, ó virjem sê espôsa,  
não queiras ser a cruz da minha triste lousa.  
não me queiras cavar a minha fria cova  
ao corpo que te quer', á alma que está nova.  
—Não queiras ver a entrar nessa lúgubre porta  
minh'alma que em ti vive e por ti anda morta.

\*\*\* ÁLULAS \*\*\*

---

? Sentis uma dor comprida  
cual lâmina de uma espada?  
lê e escreve, e desabafas,  
e a enorme dor não é nada.

F I M



